

REALISMO

Reação à subjetividade romântica, o Realismo iria (como indica o seu nome) opor uma cosmovisão real à mundividência *ideal* do Romantismo. Na poesia, daria alguns quadros pintados realisticamente, mas ainda sem a tortura formal do Parnasianismo, que constituirá corrente à parte. Na prosa, daria autores voltados para os problemas biológicos, e chamados simplesmente de realistas, assim como outros, preocupados mais com os casos patológicos, e chamados de naturalistas. No Ceará, podemos dar como início mais ou menos remoto de Realismo a década de 80, em que aparece o Clube Literário, congregando escritores românticos ao lado de outros que já seguem a nova tendência. Surgem os primeiros escritos de Oliveira Paiva, para, logo mais, aparecerem romancistas como Adolfo Caminha, Rodolfo Teófilo, Pápi Júnior e outros. Entre poetas de notas realistas e outros de feição incharacterística, oscilando entre Romantismo e prenúncios de Parnasianismo, destacam-se versejadores puramente simbolistas, que serão estudados em seu devido lugar. Englobando Realismo e Simbolismo, enquadra-se nessa época (na década de 90) a famosa Padaria Espiritual, original agremiação que se tornou conhecida em todo o País.

O CLUBE LITERÁRIO

Floresceu no ano de 1886, fundado por João Lopes (um dos participantes da Academia Francesa, como vimos), o Clube Literário, responsável pelo surgimento de alguns dos maiores nomes da literatura no Ceará.

É verdade que dessa agremiação faziam parte alguns escritores já consagrados pela fama, como Juvenal Galeno, o patriarca de nossa poesia; Antônio Bezerra, Antônio Martins e Justiniano de Serpa, os Poetas da Abolição; Virgílio Brígido, autor dos *Cantos do Amanhecer*. Mas a grande maioria começou a adestrar-se literariamente no Clube Literário, como Oliveira Paiva, que veremos adiante, como romancista realista:

Antônio Sales, mais tarde um dos maiores vultos das letras cearenses; Rodolfo Teófilo, que havia composto versos românticos na década anterior, mas haveria de firmar-se como romancista; Farias Brito, o maior filósofo brasileiro; José Carlos Júnior, prosador e poeta, que sobressairá mais tarde, na Padaria Espiritual; Xavier de Castro, vindo também do Romantismo, e que logo mais brilhará com seus cromos, além de vários outros.

O Clube Literário teve como órgão na imprensa a revista *A Quinzena*, que circulou de janeiro de 1887 a junho de 1888, perfazendo 30 números. Nesse periódico, que tinha como redatores João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos, José Olímpio, depois José Carlos Júnior, Oliveira Paiva, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, Paulino Nogueira e Martinho Rodrigues, colaboravam, além dos nomes citados, Farias Brito, Pápi Júnior, Ana Nogueira e Francisca Clotilde, Álvaro Martins, Juvenal Galeno e outros.

Ao lado de poemas românticos de Juvenal Galeno e das narrativas, igualmente românticas, de José Carlos Júnior ou Jane Davy (Francisca Clotilde), surgiam os contos cientificistas de Rodolfo Teófilo; o Realismo despontava, porém, com mais força e arte através dos contos de Oliveira Paiva.¹¹

Isso, para não falar dos artigos críticos sobre Realismo: *A Quinzena* n.º 14, de 31 de julho de 1887, traz artigo em que Abel Garcia se dirige a Francisca Clotilde, exortando-a a abandonar o Romantismo, “quando essa fase literária, transitória, que já passou, não pode ser hoje mantida sem pervertimento do bom gosto, da verdade e da emoção estética”. Assinados por *Gil Bert*, pseudônimo de Oliveira Paiva, surgem nos números 1 e 2 (ano II) d’ *A Quinzena*, respectivamente de 15 e 30 de janeiro de 1888, dois artigos sobre o Naturalismo, a propósito do êxito de *O Homem*, de Aluísio Azevedo; é louvado o rigor da observação da nova escola que, “acatando a Ciência, subordinando-se de todo à Arte, elevou o trabalho, o bom senso”, etc. Embora considerando a nova corrente “uma planta exótica” no Brasil, José Carlos Júnior, no número 6, de 16

de abril de 1888, não deixa de tecer elogios ao citado romance de Aluísio Azevedo, augurando um caráter mais nacionalista ao nosso Naturalismo.

Acrescente-se que, ao lado das atividades jornalísticas d' *A Quinzena*, realizava o Clube Literário sessões noturnas, durante as quais eram postas em discussão as mais recentes tendências da literatura estrangeira ou nacional. Dessa forma, o grêmio contribuiu admiravelmente para a renovação das letras no Ceará: com o conhecimento do que se passava nos grandes centros é que os nossos escritores foram pouco a pouco aderindo à nova corrente, o Realismo. Dir-se-ia haver João Lopes trazido da Academia Francesa o costume das leituras críticas...

Mesmo poemas de intenções claramente satíricas, que surgiram na época, mostram-nos hoje como o Realismo ia ganhando terreno entre nós.

É o caso, por exemplo, do soneto intitulado "Realista", publicado no *Libertador*, em 12 de fevereiro de 1887, assinado por *Bruno Jacy* (pseudônimo de José Carlos Júnior): trata-se de composição que pretende de certa forma satirizar a nova escola, não com ataques frontais a ela, mas parodiando seus próprios recursos, como o que Machado de Assis certa vez chamou de "estética de inventário", e que consistia na enumeração de vários fatos com intenções realísticas:

*A casa é rebuliço, alarma, espalhafato;
Ali grita um moleque e vira uma cadeira,
Vêm as negras lambar o bule e a manteigueira,
Trepam no guarda-louça o cão e mais o gato.*

*Disputam na cozinha, e lá quebrou-se um prato!!
O menino mais novo arrasta-se à coqueira,
Um negro está a cantar, curtindo a bebedeira,
Na sala vêm entrando um galo, um porco, um pato*

*E salta e berra e come aquela multidão,
E trava pugilato, e gritam as galinhas,
Conversa co'a mucama um súcio no portão.*

*E a filha na janela a receber cartinhas...
Tudo isso enquanto o pai 'stá na repartição
E a mãe foi conversar na casa das vizinhas.*

Traduzindo bem o espírito da época, surgiu uma poesia que, pelo modo objetivo de reproduzir a realidade, não mais deve ser considerada romântica mas, por outro lado, ainda está longe do Parnasianismo, que no Ceará só viria aparecer rigorosamente no início do século XX. Exemplo de poesia realista são os cromos de X. de Castro.

X. DE CASTRO

Augusto Xavier DE CASTRO — Nasceu em Fortaleza, no dia 30 de janeiro de 1858, vindo a falecer na mesma cidade, em 30 de abril de 1895. Compôs versos românticos desde a década de 70, constando que alguns de seus poemas teriam sido musicados. Sua feição definitiva e mais importante é, porém, a dos cromos que, provavelmente sob influência de B. Lopes, escreveu a partir da década de 80. Pertenceria à Padaria Espiritual, que lhe editaria postumamente seu único livro, *Cromos* (1895), cuja edição se esgotou rapidamente.

I

RESIGNADA

*A casa tem a feitura
D'uma cegonha cansada,
D'asas abertas, tostada,
Do sol ao bafo, à quentura!*

*Numa escora se segura
Velha a frente esburacada;
Do mar a vaga anilada
Perto, bem perto murmura!*

*É de tarde. O sol é posto.
Maria, — voltando o rosto
P'ras ondas sempre em fragor, —*

*— Espera, à porta sentada,
Que volte a alegre jangada
Do marido, — o pescador.*

II

DISTRAÍDA

*Numa esteirinha sentada
Branca a velha, no terreiro,
Toca um chorado faceiro
Nos bilros d'alva almofada.*

*Não falta mais quase nada
P'ra levantar todo inteiro
O papelão, que é o primeiro
D'uma renda encomendada.*

*Leva os oc'los à cabeça;
E, como deles se esqueça,
Diz: — Meu Deus! Inda mais esta!*

*Perdi meus oc'los! — Chiquinha,
Procura-os aqui... Dindinha,
Seus oc'los estão na testa!...*

III

EM PORANGABA

*Pára o trem. Da vilazinha
Verde, risonha, engraçada,
Vem para a beira da estrada
Toda a gente, ali vizinha.*

*Começa na férrea linha
Por gritar a meninada:
— E olha a castanha assada
É nova, é boa, é fresquinha!*

*— Dé cá, diz um passageiro
E enquanto puxa o dinheiro
Parte o trem já da Estação...*

*Corre, e o menino aturdido
Grita e brada enraivecido:
— Paga as castanhas, ladrão!*

XXI

AGUACEIRO

*Cai a chuva. Em casa tudo
Revela grande alegria,
Menos o velho, que chia
Com seu reumatismo agudo.*

*De semblante carrancudo
Põe-se a velha em gritaria,
Dizendo: — Corre, Maria!...
Oh! Que pé-d'água barbudo!*

Corre, negra! Anda, ronceira!
Bota a jarra na goteira,
Tira da chuva o pilão!...

— *Ora!... A gente assim molhada!...*
— *Tira essa roupa, lesada!*
Fica só de cabeção!...

XXIII

CONTRATADOS

Ela agora foi pedida
Para em agosto casar-se,
E desde logo pagar-se
Terna promessa devida.

Ao vê-la já prometida
Vai o noivo retirar-se...
Mas dela ao aproximar-se
Sente-a triste... comovida!...

Diz-lhe então: — Tens pena, filha,
De abandonar a família?...
Responde ela com ardil:

Ah! meu Deus, fazei-me um gosto...
Permiti que o mês de agosto
Caia este ano em abril...

(X. de Castro. *Cromos*. Fortaleza, Padaria Espiritual Editora, Tipo. Universal, 1895, pp. 1, 2, 12, 21, 22, 23.)

Estes cromos de X. de Castro situam-se perfeitamente dentro daquela tendência que Péricles Eugênio da Silva Ramos chamou de Realismo Agreste, e que, tendo como principal representante no Brasil o poeta B. Lopes, teve sua origem na “influência de Gonçalves Crespo, conjugada a certa linha

ingenuamente campesina de alguns de nossos românticos”.

¹² X. de Castro explora quase sempre os aspectos anedóticos, mas o que ressalta acima de tudo é a nota regionalista: tanto as cenas como a linguagem são puramente cearenses. O cromo de n.º I é descritivo, constituindo como que um *flash* da vida praieira. O de n.º II, que sofreu ligeiras alterações depois de estampado n' *O Pão* de 1.º de janeiro de 1895 (no v. 3.º estava *rufa*, em vez de *toca*), pode retratar uma cena de subúrbio, tendo como protagonista uma rendeira, figura tipicamente nossa; a síncope em *óculos* deve ser menos reminiscência romântica do que tentativa de “cor local”, uma vez que é essa (oc'los) a pronúncia corrente entre a gente simples do Ceará. O de n.º XII focaliza a então vila de Porangaba, explorando um incidente algo jocoso, onde está presente um dos produtos da terra, a castanha de caju. O de n.º XXI mostra-nos, com muita graça, o alvoroço e a alegria que as chuvas causam em nossa terra: veja-se a ânsia de aproveitar a água pluvial, límpida e leve; note-se ainda o emprego de um termo bem nosso, o vocábulo *lesada*, com o sentido de “amalucada, boba”. O cromo n.º XXIII é o mais divulgado, sendo também, a nosso ver, o mais interessante e mais feliz: na rima *filha/família* vemos ainda uma aproximação do linguajar do povo, que palataliza o *L* antes dos ditongos crescentes; mas, quando não fosse essa a razão, o poeta teria precedentes ilustres, como Castro Alves (com *espalha / Itália*, em “O Derradeiro Amor de Byron”), ou Casimiro de Abreu (com *exílio / filho*, na “Canção do Exílio”), sem falar de poetas que vieram depois, e que deveriam ser mais exigentes, como Humberto de Campos (com *Itália / espalha*, em “Poeira”). Esse cromo é uma autêntica anedota, sendo imprevista a resposta final da noiva. Outros poetas, mais ou menos por essa época, praticaram o cromo no Ceará, e entre eles podemos citar os nomes de Antônio Sales e de José Carvalho, para não aludir a inúmeros que se ocultavam sob criptônimos. X. de Castro, porém, fez do gênero como que sua especialidade, cultivando desde os tempos do *Libertador*.

Do Realismo na poesia baste o exemplo de X. de Castro e seus cromos. Algo numerosa é a lista dos ficcionistas da corrente, dos quais escolhemos os mais representativos. Prenunciando-se nos contos que Oliveira Paiva publicou n'*A Quinzena*, o Realismo vai consolidar-se com a publicação de *A Fome*, de Rodolfo Teófilo, e se prolongará até quase aos nossos dias, razão por que avançamos até épocas recentes, uma vez que não poderíamos deixar de contemplar as figuras de Gustavo Barroso e de Herman Lima, que rigidamente não cabem noutra corrente.

RODOLFO TEÓFILO

RODOLFO Marcos TEÓFILO — Nasceu na Bahia, em 6 de maio de 1853, e faleceu em Fortaleza, no dia 2 de julho de 1932. Aqui passou quase toda a sua vida e exerceu atividades de escritor e cientista, merecendo por isso ser considerado cearense, como era seu desejo. Órfão ainda criança, foi amparado pelo Barão de Aratanha, que o matriculou no Ateneu Cearense; abandonou porém os estudos para labutar no comércio. Depois de conseguir estudar no Recife, chegou a matricular-se na Faculdade de Medicina da Bahia, de onde regressaria não como médico, mas como farmacêutico. São memoráveis as campanhas que empreendeu contra diversas doenças, principalmente a varíola, que grassava ao tempo das secas. Como romancista, publicou: *A Fome* (1890 — 2.^a ed., 1922), *Os Brilhantes* (1895 — 2.^a ed., 1906 — 3.^a, 1972), *Maria Rita* (1897), *Violação* (1899), e *O Paroara* (1899), cuja 2.^a edição é prefaciada por Otacílio Colares (1974), além de *Reino de Kiato* (1922). É vasta sua bibliografia noutros setores, destacando-se vários livros sobre as secas, dos quais o primeiro foi a *História da Seca no Ceará* (1884); obras científicas, como a *Monografia da Mucunã* (1888), *as Ciências Naturais em Contos* (1889) ou a *Botânica Elementar* (1890). Fez sátira política nas *Memórias de um Engrossador* (1912), e relatou fatos que presenciou, em *Libertação do Ceará* (1914) e *A Sedição de Juazeiro* (1922); reuniu seu versos da mocidade em *Telesias* e

Lira Rústica (1913); de contos, escreveu *O Conduru* (1910) e de crônica ou memorialismo, *Cenas e Tipos* (1919) e *Coberta de Tacos* (1931), sendo ainda digno de nota o livro de polêmica *Os Meus Zoilos* (1924). Aqui, interessa-nos o romancista.

A FOME

Uma família sertaneja (Freitas, Josefa, a filha Carolina e 3 crianças), fugindo à seca, busca a Capital; Inácio, primo de Freitas, encarregado de vender aqui os últimos escravos e jóias, tudo perde, chegando a vender a liberta Filipa e sua filha: Filipa enlouquece. Freitas, após ver toda sorte de misérias, chega a um abarracamento do Governo, onde o comissário tenta seduzir sua filha. Esta resiste e termina casando com Edmundo, amigo de Freitas, ao passo que o comissário morre de maneira trágica. Inácio, para redimir-se, compra a filha de Filipa que, recolhida pelos antigos amos, recobra a razão ao rever a filha.

Começando o trabalho, depois de tomada a primeira e única refeição d'aquela dia, Freitas, ansioso de explorar aqueles sítios e desejoso de carne, saiu da várzea fora com o machado ao ombro e terçado à cinta. Seguia rumo de leste. A terra era nua. As malvas, os marmeleiros, as sensitivas tinham morrido, e o vento derrubado os seus esqueletos. Nem uma habitação, um rancho d'aquela lado! Entrou no extremo da várzea para a mata e começou a ouvir muito ao longe o ladrar de um cão. Tomou o rumo e seguiu por uma vereda. O caminho morreu no pátio da vivenda, que de telhas, caiada, com porta e janela para o nascente, era a habitação da família e ao mesmo tempo um pequeno estabelecimento rural. Nos outões saíam duas asas, dois grandes alpendres, ocupados um pelos toscos maquinismos de madeira do fabrico da farinha de mandioca e o outro por uma engenhoca também de pau e mais pertences destinados ao fazimento de rapaduras. Ao lado do sul, um curral de pau a pique, com a porteira fechada, e pousado em um dos mourões, jejuava um grande

carcará olhando o sítio onde outrora viveu luzido gado. Freitas andou às pedradas com o rapina, a fim de matá-lo. A ave alou-se muito alto e se pôs livre das pedras. A janela da casa estava aberta, e a porta fechada deixava ver riscos a carvão formando inúmeras e diversas figuras. À primeira vista parecia uma página de hieróglifos. Aproximando-se, via-se que eram desenhos de marcas de tamanho e formas diferentes não só das fazendas da vizinhança como das mais distantes, cujos vaqueiros na pista de animais perdidos deixavam os ferros ali desenhados, a fim de não se apagarem da memória.

Manoel de Freitas, chegando à janela, se debruça no peitoril e diz para dentro:

— Ó de casa!

O eco de suas palavras repercutiu nos escuros aposentos, e foi respondido pelo ladrar do cão. Freitas notou que de quando em quando um ruído semelhante ao vôo de aves se fazia ouvir. Não se conteve e pulou a janela, mas antes de chegar ao corredor o cão saiu-lhe ao encontro. Foi difícil defender-se sem o auxílio do terçado. O animal, levemente ferido, cedeu o caminho à sala de jantar. Antes de entrar n'ela, Freitas começou a sentir um cheiro insuportável de carniça. A atmosfera parecia podre. Havia pouca luz. Aberta a porta renovou-se o ar e fez-se claridade. Os raios do sol bateram em cheio no pavimento e um espetáculo horrível viu o fazendeiro. Apodrecia ali o cadáver de um homem, cujo rosto já estava medonho pela decomposição. A pele cianótica se estilhava na putrefação, que fazia a cara disforme e horripilante. A fisionomia mais horrída tornava o nariz que, diluído em uma amálgama de pus e vermes, caíra sobre a boca, já sem lábios, e não cobria mais os dentes alvos e sãos. Os olhos arregalados a saltar das órbitas, n'um olhar de morto sem luz e consciência, pareciam fitar-se no fazendeiro. O cadáver estava vestido de camisa e calça de algodão. O hábito, entretanto, na altura do ventre estava rasgado, rasgado também estava o abdômen pelo cão, a cevar-se nos intestinos e

visceras do morto. O terreno onde descansava o corpo estava revolvido.

Manoel de Freitas aproxima-se mais da carniça para melhor observá-la, quando o cão, vendo-o junto do repasto, ataca-o de novo. O animal vinha furioso. Para se livrar, o fazendeiro mata-o a golpes de machado. Parecia-lhe que o morto não era uma vítima da fome. Quase putrefato, se percebia assim mesmo gordura nos tecidos, gordura que a fome teria gasto antes de matá-lo. Examinava o cadáver com interesse, quando notou sinais de um crime: um suicídio por estrangulamento. O pescoço do defunto ainda apertava o mortífero laço.

Prescindindo de mais conjecturas, Freitas voltava à sala pelo corredor quando ao passar pela porta de um quarto foi vivamente impressionado por um ruído de voo que vinha de dentro. Parou, íorçou a porta e entrou no escuro aposento. Uma nuvem de morcegos pairava no ar. Freitas vai às apalpadelas à porta fronteira guiado pelas estreitas frestas abertas entre as tábuas e por onde a luz se coava. Aberta a porta, entra a luz em feixes e os morcegos deslumbrados esvoaçam doudamente. A um canto estava uma rede armada, que oscilava brandamente como impelida pelos movimentos respiratórios de animal. O fazendeiro se aproxima e vê viva uma massa preta a mover-se, olha com mais atenção e vê que centenas de morcegos se enovelam ali grunhindo. Observa atentamente e com surpresa divulga encravados na pretidão da nuvem dois pontos azuis aureolados de branco. Eram olhos, e olhos humanos. Aproxima-se mais e tocando o pêlo dos animais procura enxotá-los. Poucos foram os que voaram deixando o repasto. Rarefeito o véu negro percebe o fazendeiro as formas de um corpo de criança. Os morcegos agarrados sugavam o sangue, embora de cheios já não pudessem voar.

Freitas toma a criança nos braços com uma piedade paternal. Alguns dos bichos soltaram o corpo e pesados de sangue arrastavam-se no chão. Outros mais gulosos não viam o fazendeiro, que tomava a indiferença deles pelo mais requin-

tado atrevimento. Pagariam com a vida os instintos carniceros e a audácia.

Manoel de Freitas arrancava um a um e ia-os estrangulando entre os dedos. O animal, obrigado a despregar-se da vítima, raivoso rilhava os dentes mas era logo esmagado; o corpo sem forma era atirado para longe, enquanto debaixo da rede ficava uma poça de sangue. O último se enchia, indiferente à matança dos companheiros, agarrado ao lábio inferior da menina. Freitas segura-o, mas ele resiste agarrando-se mais à carne, que chupava. O fazendeiro emprega mais força, aperta-o a ponto de quebrar-lhe todos os ossos, do sangue esguichar por todos os poros, mas o quiróptero nas convulsões da morte cravou ainda mais os dentes no lábio da criança. Freitas procura arrancá-lo e o cadáver cede, porém trazendo quase todo o beijo da menina.

Mortos e em fuga todos os morcegos, o fazendeiro pergunta a si mesmo que socorro há de prestar àquela criaturinha. Uma só ferida cobria-lhe o corpo. Já se lhe ouve a agonia. O velho com toda a piedade assiste à morte da criança que se anuncia pela frialdade da pele, pelas últimas contrações dos músculos. A vida cessa n'um suspiro, que os lábios entreabertos deixam passar.

Freitas estava comovido. A frieza do cadáver chegava-lhe às carnes, impressionando-o desagradavelmente. Compadecido, olha ainda uma vez para a criança, deitando-a na rede, voltou ao rancho.

.....

Manoel de Freitas chegava na pior quadra. No dia que sucedeu ao seu alojamento, logo pela manhã saiu a conhecer a capital da província. Tinha um desejo veemente de vê-la, de admirá-la! A Fortaleza é uma cidade nova, reedificada sobre as ruínas de uma casaria de palhas e de taipas depois da seca de 1845.

Situada na costa, muito perto do mar, em um terreno plano, teria todas as vantagens das povoações marítimas se

fosse servida por um bom porto. Entretanto, o seu comércio se alarga todos os anos e a área edificada aumenta sempre.

Era a primeira vez que Freitas a via. Deixou os tabuleiros da Jacarecanga, aquele areal branco e estéril, cuja mobilidade tanto dificulta a locomoção, coberto apenas em alguns pontos de uma vegetação raquítica, mas enfolhada, e entrou pela rua do Senador Pompeu, chamada outrora rua Amélia. O fazendeiro ficou admirado da regularidade da edificação. Duas filas de casas com a maioria das frentes pintadas de amarelo, com saliente cornija branca, parapeito também emoldurado de alvos relevos, e do qual saíam cabeças de serpentes, de jacarés, de dragões, feitas de zinco e destinadas a esgotar os telhados durante as chuvas, perfilavam-se na extensão de quase um quilômetro, guardando de uma para outra a distância de vinte metros. As fachadas das casas todas obedeciam ao mesmo plano e à mesma simetria monótona.

D'elas se destacavam portas e janelas, aquelas tendo rótulas e estas vidraças na metade superior do vão e rótulas na metade inferior, mas todas pintadas de verde. De muitas portadas os postigos se abriam para fora, embaraçando estupidamente o trânsito público, ou saindo de encontro inesperadamente à cara do transeunte, impelido pelo morador que abria de súbito a portinhola da rótula.

A rua calçada de seixos, com o dorso convexo, descia até às coxias, onde formava uma depressão, subindo depois até encontrar o cordão da calçada. Os passeios das casas, todos da mesma largura, tinham os bordos extremos orlados pelos combustores de gás de iluminação, colunas de ferro pintadas de alcatrão. de vinte em vinte metros de distância, terminadas por uma manga oval, inteiriça, de bom vidro e coberta por um capacete de metal pintado de verde. Essas filas de postes pretos lembravam à noite o desfilar de um enterro.

As dez ruas todas do mesmo comprimento e largura, calçadas e cortadas em retângulos, formando quarteirões de cem metros quadrados, eram pelo plano de disposição convenientemente ventiladas e quanto possível alumiadas pelo sol. Mais

de dez praças, grandes, arborizadas de castanheiros e mon-
gubeiras, embelezavam a cidade concorrendo assim para a
salubridade do clima, até então, um dos melhores do Império.

Da linha superior da fachada das casas elevavam-se al-
guns sobrados, quase todos de um só andar e de recente edi-
ficação, pois os antigos proprietários acreditavam que o ter-
reno da Fortaleza, por sua natureza arenosa, não se pres-
tava a este gênero de construção.

Poucos templos e todos construídos ainda no estilo da
antiga arquitetura portuguesa, viam-se com seus pares de
campanários terminados em cata-ventos de ferro, mas imó-
veis em pleno espaço. Alguns edifícios públicos isolados, como
a assembléia provincial, o palácio do governo, o seminário
episcopal, o tesouro provincial, a biblioteca pública, a escola
normal, mas todos ressentindo-se mais ou menos da falta
de estética. Entre os edifícios, é o da estação central da es-
trada de ferro de Baturité o que estava mais no caso de sa-
tisfazer a todas as exigências dos preceitos arquitetônicos,
pois foi construído por profissionais; este mesmo tinha graves
defeitos percebíveis logo à primeira vista.

(Rodolfo Teófilo. *A Fome*. Rio de Janeiro, Imprensa In-
glesa, 2.^a ed., 1922, pp. 55-9; 160-2.)

Logo pelo enredo, que ligeiramente esboçamos, vê-se que
muito há de romântico n'*A Fome* (quem ler o capítulo da
morte do comissário Arruda, verá que não é tão realista a
dramaticidade da cena). Seu lugar, todavia, é dentro do Rea-
lismo, ou melhor, do Naturalismo, não só pela verdade que
ressuma das descrições, de modo geral, como pela exacerba-
ção de minúcias repelentes (há um trecho em que descreve
detalhadamente um ataque epiléptico). Os dois excertos trans-
critos, extraídos de capítulos diferentes (o VI da 1.^a parte e
o I da 3.^a parte), mostram-nos essas duas facetas e permi-
tem-nos verificar a falta dos atavios verdadeiramente lite-
rários. No primeiro, temos a crua descrição de uma cena tal-
vez presenciada pelo próprio escritor que, à maneira natura-

lista, não evita chocar o leitor; pelo contrário, prima em descrever os mínimos passos da tragédia. Note-se a linguagem científica que surge exageradamente, mas que é típica da escola e da época (“pele cianótica”, “gordura dos tecidos,” “quiróptero,” etc.). Rodolfo Teófilo, cientista que era, encontrou no Naturalismo campo para expandir seus conhecimentos da matéria, (Sua novela *Violação* pretende estudar cientificamente um caso de necrofilia.) mas, chegando ao exagero, mereceu várias críticas, inclusive de José Veríssimo que, falando d’ *Os Brilhantes*, observou: “Cometendo um grave erro de ofício, o autor, como já notei, multiplica a terminologia da técnica médica e fisiológica.”¹³ No segundo trecho reproduzido, a pretexto de narrar a chegada de Freitas a Fortaleza (que grafa sempre precedida de artigo, como era costume da época), faz minuciosa descrição da cidade, não perdendo as menores particularidades: as cornijas das casas, os parapeitos, os jacarés de zinco para escoamento das águas pluviais, os postes de iluminação a gás, com todos os seus apetrechos, a arquitetura dos templos e dos edifícios, a razão de não haver prédios altos na Capital, enfim, até o fato de as janelas abrirem para fora atravancando a passagem do povo! Trata-se de uma descrição puramente realista, fruto daquela “estética de inventário” de que falava Machado de Assis; pode faltar-lhe certa elegância literária, com o que chega às vezes a lembrar um relatório, mas é cheia de realismo; sente-se que o autor viu a cidade na época em que se passam as cenas do romance, descrevendo-a com admirável precisão. Considerado o romance inicial da chamada “literatura das secas” por Tristão de Ataíde, tem sido enquadrado na corrente sertanista; grande parte de seu enredo, porém, se passa na Capital, logrando assim o escritor mostrar-nos, num só livro, o flagelo de 1877 no interior e dentro das cidades, não deixando de fazer alguma crítica político-social. Todos são unânimes em lhe reconhecer a fragilidade do estilo: mas ninguém nega o imenso valor documental de toda a sua obra, que transpira verdade e vida.

OLIVEIRA PAIVA

Manoel de OLIVEIRA PAIVA — Nasceu em Fortaleza, no dia 2 de julho de 1861, vindo a falecer na mesma cidade, em 29 de setembro de 1892. Coursou o Seminário do Crato, abandonando-o para seguir a carreira militar no Rio de Janeiro, voltando porém ao Ceará, com um início de tuberculose. Colaborou ativamente no *Libertador*, fazendo parte da campanha abolicionista, chegando a publicar dois poemets contra a escravidão, *Zabelinha ou a Tacha Maldita* (1883) e *Vinte e Cinco de Março de 1884*. Como vimos, foi figura destacada do Clube Literário, publicando seus contos realistas n' *A Quinzena*. Em folhetins do *Libertador* foi publicado seu romance *A Afilhada*, em 1889 (editado em livro em 1961). Sua obra principal é o romance *Dona Guidinha do Poço*, que escrito no sertão ficaria inédito por muitos anos: com a morte do autor, os originais passaram para as mãos de Antônio Sales, que os confia a Lopes Filho; este perde-os no Rio de Janeiro; outra cópia é levada para o Sul pelo próprio Sales, que o apresenta a José Veríssimo. O crítico começa a publicar seus capítulos na sua *Revista Brasileira* a qual, quatro números depois, deixa de circular. Antônio Sales entrega os originais a Américo Facó; meio século depois, Lúcia Miguel Pereira consegue encontrá-los nas mãos de Facó, após buscas intensas, e faz com que se publique o romance, exatamente sessenta anos após a morte de Oliveira Paiva, ou seja, em 1952. Usava os pseudônimos de *Gil* e *Gil Bert*. Em 1976, organizados por Braga Montenegro e com introdução de Sânzio de Azevedo, saíram, publicados por iniciativa da Academia Cearense de Letras, *Contos*, do autor de *A Afilhada*.

Dona Guidinha do Poço

A ação se passa no sertão cearense: Margarida (D. Guidinha), proprietária da fazenda "Poço da Moita," mulher enérgica e voluntariosa, é casada com o major Joaquim Damião, "uma boa alma." Durante a seca, acolhe Damião um

velho amigo e conterrâneo, o Silveira. É também acolhido o Secundino, sobrinho do major, moço bem-apessoado, que foge, acusado de crime em Pernambuco. Guidinha apaixona-se pelo rapaz, e de tal forma se desenvolve a paixão que todos percebem; após uma discussão, Secundino é expulso de casa pelo tio. Por fim, mancomunada com o amante e com aquele Silveira, Guidinha manda matar o marido. Vai presa e, na cadeia, tem ainda a tristeza de saber da prisão de Secundino. Todo o enredo desse romance é baseado na vida real, como demonstrou o historiador Ismael Pordeus.¹⁵ Trata-se de um crime ocorrido em Quixeramobim, que teve como protagonista Marica Lessa, seu marido, cel. Domingos d'Abreu e Vasconcelos; Secundino chamou-se, na realidade, Senhorinho Pereira. Tal crime ocorreu em 1853.

I

De primeiro havia na ribeira do Curimataú, afluente do Jaguaribe, uma fazenda chamada Poço da Moita. Situada no século passado pelo português Reginaldo Venceslau de Oliveira, passou a filhos e netos. Se não fora o desgraçado acontecimento que serve de assunto principal desta narrativa, ainda hoje estaria de pé com ferro e sinal.

A margem esquerda do impetuoso escoadouro hibernino, a casa grande amostrava-se num alto, de onde se enxergava grande distância em derredor, principalmente pela seca. Durante o inverno, a superabundância de folhagem restringia sensivelmente o campo de visão. Para leste via-se uma série de colinas que faziam o sol aparecer mais tarde. Divulgava-se para o sul, que era o lado da frente, um pico azul, o serrote da Meruanha; e para o ocaso, bem no horizonte, mais uns três ou quatro dentes das serras do Batista e do Papagaio, que abriam um boqueirão ao rio Curimataú.

Poço da Moita por último passara para Margarida, a primeira neta do Reginaldo, filha do Capitão-Mor, casada com o Major Joaquim Damião de Barros, um homenzarrão alto

e grosso, natural de Pernambuco — uma boa alma. Viera ao Ceará à compra de cavalos, e por cá se ficou amarrado aos amores e aos possuídos da muito conhecida Guidinha do Poço. Tinha o preto-do-olho amarelo, com a menina esverdeada, semelhando um tapuru.

Não seja para admirar a seqüência, logo ali assim, de dois postos militares, capitão-mor e major. Mais virão. E quase tantos sejam os homens de gravata, que este acanhado verbo por aqui vá pondo de pé, quantas as patentes. Era antigo vexo. Não que militares fossem de índole, nem de prosápia: alguns o foram de crueldade. Todavia, desculpe-se-lhes a fonfança pela tendência natural que temos todos nós de nos enfileirarmos aí numa qualquer ordem, que distinga. E eles, os matutos, coitados, não sobressaíam pela profissão nem pela cultura.

Outro motivo para explicar o alto preço com que encareciam os barateados títulos, outorgados pela munificência administrativa, seria a persistência dos costumes portugueses onde tudo que descia del-rei era como se de Deus viera. A consciência republicana não se adunara ainda com aquela vida rural, em pleno ar, sob um céu ardente e oco, em uma natureza incerta, que arrasta o homem a precisar de uma Providência divina e de outra humana, e o impele noite e dia para o amor, esse ócio, em incessante desequilíbrio com as outras necessidades. Daí, numa tendência monoteísta e monárquica, Deus e o vigário, o rei e o presidente.

Margarida, isto é, Guidinha, apesar de sua princesia, não casou tão cedo como era de supor. Parece que primeiro quis desfrutar a vidoca. Seu pai, o segundo Venceslau, capitão-mor da vila, possuía larga fortuna em gados, terras, ouro, escravos... Fora um rico e um mandão.

.....

II

Estava-se em fevereiro, e nem um pingo de água. O poço da Catingueira, o mais onça da ribeira do Banabuiú, que em

1825 não pôde esturricar, sumia-se quase na rocha, entre as enormes oiticicas de um lado, e do outro o saibro do *rio*. Era um trabalhão para os pobres vaqueiros: aqui, alevantar uma rês caída; ali, fazer sentinela nas aguadas a fim de proteger o gado amofinado contra a crueldade do mais forte; e, todos os dias que dava Nosso Senhor, cortar rama. E ainda tinha de percorrer constantemente as veredas e batidas para acudir prontamente à rês inanida de fome e de sede, perseguir os porcos, que algum desalmado vizinho teimava em criar, persegui-los à bala, porque o torpe cabeça-baixa empestava os bebedouros.

Era preciso o vaqueiro da Guidinha tornar-se ubíquo, para o que ocupava os seus filhos e alguns escravos do amo. O boi com a vista do homem parecia reanimar como se tivera consciência de que ambos padeciam sob a indiferença do mesmo céu.

E estão, só ali, no espaço de três léguas, cinco fazendas. Ajuntem a isto as retiradas, que procedem do sertão do Carindé, do Quixadá, e de tantos outros, e vejam se é possível em tão pouca terra, com tão pouca rama e pouca água, ter o bastante para tanta boca.

Além da sequidão, o mal, desenvolvido na bebida infeccionada pelos amaldiçoados paquidermes e pelo contágio doentio da rês viajada. Só o major Quinquim Damião do Poço da Moita perdera, até ali, cinqüenta vacas amojadas, isso apesar dos vaqueiros passarem todo o dia a tratar do gado. Quanto mais não perdiam os outros que não se apuravam tanto?

Fizeram-se todos os remédios para chover. O vigário da freguesia, cuja sede ficava a três léguas e um quarto, além das preces que a Santa Madre Igreja aconselha, consentiu que o povo, em procissão, mudasse a imagem de Santo Antônio da matriz para a capela de Nossa Senhora do Rosário, que era o melhor jeito a dar para Deus Nosso Senhor ensopar a terra com água do céu. Todavia, apesar de as seis pedrinhas de sal, da noite de Santa Luzia, 13 de dezembro, terem

marcado inverno para fevereiro, o dito céu permanecia implacável.

Entrou março, novenas de São José.

O calor subira despropositadamente. A roupa vinha da lavadeira grudada do sabão. A gente bebia água de todas as cores; era antes uma mistura de não sei que sais ou não sei de quê. O vento era quente como a rocha nua dos serrotes. A paisagem tinha um aspecto de pêlo de leão, no confuso da galharia despida e empoeirada, a perder de vista sobre as ondulações ásperas de um chão negro de detritos vegetais tostados pela morte e pelo ardor da atmosfera. As serras levantavam-se abruptamente, sem as doces transições dos contrafortes afofados de verdura.

Serrotas pareciam umas cabeças de negro peladas de caspa. Ao meio-dia a cigarra vinha aumentar a impressão ardente. Os bandos de periquitos e maracanãs atravessavam o ar, em busca do verde, espalhando uma gritaria desoladora, sem um acento de úmida harmonia, sem uma doce combinação melódica, no ritmo seco, árido, torrefeito, de golpes de matraca. O viajante, ao caminhar por algum souto de angicos e paus-d'arco, sem uma folha, penetrava instintivamente com o olhar por entre os troncos e garranchos com uma sede, já não de água, mas de uma notazinha vibrada por goela de pássaro cantor. Lá uma rolinha, lá um quenquém, apenas piando.

O pobre emigrava como as aves, que viviam ambos do suor do dia. Eram pelas estradas e pelos ranchos aquelas romarias, cargas de meninos, um pai com o filho às costas, mães com os pequenos a ganirem no bico dos peitos chuchados tudo pó, tudo boca sumida e olhos gelados, fala tênue, e de vez em quando a cabra, a derradeira cabeça do rebanho, puxada pela corda, a berrar pelos cabritos.

Margarida era extremamente generosa para os retirantes que passavam pela sua fazenda. O que lhes pedia era que não ficassem; dava-lhes com que se fossem caminho a fora a procurar salvação nas praias, *que era só para onde a Rainha*

olhava. Tinha duas escravas incumbidas unicamente de servi-los, já a dar leite cozido às criancinhas, já a passar na água alguns molambos que as pobres mães não tinham força para lavar, agora a armar-lhes redes no telheiro da casa de farinha, agora a fornecer-lhes carne seca, farinha e rapadura.

Mas que se fossem, pelo amor de Deus! Bem sabia ela que dois dias depois o retirante se tornava *agregado*. E agregado para quê?

Em vindo o inverno, arribavam todos para os seus sertões, e adeus minhas encomendas. Além disso, gente de toda a parte, até do Rio Grande do Norte e Paraíba, e quem sabe quantos assassinos?

O marido levava a mal aquela prodigalidade caritativa, mas lho fez ver em muito bons termos, com umas delicadezas de quem quer bem.

Margarida calou-se; e continuou, na expansão natural de uma vontade sua. Até, pelo contrário, parecia tornar-se mais mãos abertas para com os famintos. Terceira admoestação do marido. Então ela voltou-se friamente:

-- Eu dou do que é meu.

— E agora, senhor Quinquim, que responder-lhe? — murmurou consigo o major. Ela dá do que é seu! Dá do que é seu!

Era a primeira vez que a mulher lhe falava com menos respeito. Se arrependimento salvara... Mas para que a provocou? para que a atacou de frente? Bem lhe conhecia a índole. Margarida era como um palácio cuja fachada principal desse para um abismo. Só havia penetrar-lhe pela insídia, pelas portas travessas.

O homem quando a desposara possuía apenas alguns vinténs de seu. Reconhecia que para viver com a mulher precisava de ter uma certa habilidade, faculdade essa que lhe era porém inacessível. Amara à Margarida em demasia, creio, e o vigor nervudo e musculento da herdeira do *marinheiro* Reginaldo Venceslau era como um moirão a que o Sr. Quinquim se deixara gostosamente subjugar.

(Manoel de Oliveira Paiva. **Dona Guidinha do Poço** (Introdução de Lúcia Miguel Pereira). São Paulo, Ed. Saralva, 1952, pp. 15-6; 22-4.)

Vários escritores cearenses fizeram uso de termos ou expressões regionais; nenhum, porém, soube trabalhar com tanta felicidade a nossa linguagem do povo — sem desfigurar o conteúdo literário — quanto Oliveira Paiva. Logo na primeira linha, temos o sabor puramente popular na locução “De primeiro”... Com o que, segundo observa Braga Montenegro, “já sugeria o seu propósito de emprestar ao argumento um sentido translato, um tratamento de fábula, tornando de logo a sua história imprecisa no tempo.”¹⁶ Isso, lembra ainda, talvez para disfarçar a veracidade do enredo. Lúcia Miguel Pereira ressalta “a arte de tornar sugestiva qualquer minúcia, de valer-se de indicações objetivas para reforçar indiretamente o sentido da narrativa ou insinuar o caráter de uma personagem.”¹⁷ E destaca o feitiço bravio do major pelo “preto-do-olho amarelo, com a menina esverdeada, semelhante um tapuru;” também alude à forma com que o autor anuncia a seca, dizendo que “a roupa vinha da lavadeira grudada do sabão.” Vê-se com efeito que nada é supérfluo nas descrições, o que nos dá um quadro perfeito da vida do sertão, como no capítulo II, transcrito, em que lutam os vaquianos levantando reses, cortando rama, protegendo o gado, perseguindo o “cabeça baixa,” livrando o gado do contágio da rês “viajada.” Quanto à linguagem, a que já aludimos, note-se que *divulgar* tem o sentido de “vislumbrar”; o poço da Catingueira era o mais *onça*, isto é, o mais “resistente;” *alevantar*, de sabor lusitano, todos sabemos corrente no Nordeste ainda hoje; os retirantes tinham os olhos *grelados*, ou seja, “arregalados.” Para não salientarmos expressões como “todos os dias que dava Nosso Senhor”, além da enumeração dos “remédios para fazer chover.” No final do capítulo II, temos uma prova do temperamento indomável de Guidinha, bem como da passividade do major. Saliente-se a propriedade dos epítetos no último parágrafo, que nos fala do vigor “nervudo e musculento” da heroína. A maneira um tanto galhofeira com que

o próprio autor se refere ao major traduz-se pelo tratamento: "Sr. Quinquim." O romance é realista, porque pinta realisticamente as cenas e os temperamentos; nada tem entretanto de Naturalismo, a nosso ver: ao contrário da moda, Oliveira Paiva ¹⁸ preferia deixar entrever, e não mostrar crua-mente as cenas escabrosas que deixa subentendidas. Não vemos por isso nenhuma cena de alcova, apesar de ser claro o adultério de Guidinha, e o próprio assassinio do major nos surge através dos relatos, depois de já consumado. Embora fuja a uma das características do romance realista, a da preocupação com a vida contemporânea (vimos que Oliveira Paiva retratou as cenas de um crime ocorrido antes de seu nascimento), *Dona Guidinha do Poço* não pode enquadrar-se noutra corrente senão no Realismo, com tendências regionalistas.

ADOLFO CAMINHA

ADOLFO Ferreira CAMINHA — Nasceu em Aracati, no dia 29 de maio de 1867, falecendo no Rio de Janeiro, em 1º de janeiro de 1897. Chegou a oficial da Marinha, abandonando a farda devido a um escândalo em que se envolveu, tornando-o malvisto na pequena Fortaleza de então. Ingressa no serviço público civil, transferindo-se para o Rio, depois de ter tomado parte na fundação da Padaria Espiritual (que veremos adiante). Estreou com um livro de poemas, *Vãos Incertos* (1886) e um de novelas, *Judite e Lágrimas de um Crente* (1887). Publicou depois o principal de sua obra, os romances *A Normalista* (1893) e *Bom-Crioulo* (1895). Entre um e outro, lançou um livro de viagem, *No País dos Ianques* (1894). Seus derradeiros trabalhos foram *Cartas Literárias* (1895), de crítica, e o romance *Tentação* (1896). Interessamos particularmente *A Normalista*, por tratar-se de romance cearense, aqui escrito e tendo Fortaleza como palco de seu enredo.

A NORMALISTA

Maria do Carmo, estudante da Escola Normal, foi criada por seu padrinho, João da Mata, pois perdera a mãe na seca

de 77 e o pai partira para a Amazônia. Tornando-se moça, a concupiscência do padrinho, que vive com uma amásia, volta-se para sua beleza juvenil; por isso João da Mata não vê com bons olhos o namoro de Maria do Carmo com o Zuza, moço casquilho, amigo do Presidente da Província. Valendo-se de sua condição de segundo pai, o amanuense termina seduzindo-a, com promessa de permitir seu namoro com o Zuza. Este viaja, e Maria do Carmo é levada para um casebre na Aldeota, onde lhe nasce um filho, que morre em seguida. É tudo abafado, casando-por fim Maria do Carmo com um alferes Coutinho, que nada tinha com a história.

João Maciel da Mata Gadelha, conhecido em Fortaleza por João da Mata, habitava há anos, no Trilho, uma casinhola de porta e janela, cor d'azafrão, com a frente encardida pela fuligem das locomotivas que diariamente cruzavam defronte, e donde se avistava a Estação da linha férrea de Baturité. Era amanuense, amigado, e gostava de jogar o vís-pora em família aos domingos.

Nessa noite estavam reunidas as pessoas do costume. Ao centro da sala, em torno d'uma mesa coberta com um pano de xadrez, à luz parca de um candeeiro de louça esfumado, em forma d' *abat-jour*, corriam os olhos sobre as velhas coleções desbotadas, enquanto uma voz fina de mulher flauteava arrastando as sílabas numa cadência morosa: — Vin...te e quatro! Sessen... ta e nove!... Cinquen... ta e seis!

Havia um silêncio morno e concentrado em que destacava o rolar abafado das pedras no saquinho de baeta verde.

A sala era estreita, sem teto, chão de tijolo, com duas portas para o interior da casa, paredes escorridas pedindo uma caiação geral. À direita, defronte da janela, dormia um velho piano de aspecto pobre, encimado por um espelho não menos gasto. O resto da mobília compunha-se de algumas cadeiras, um sofá entre as duas portas do fundo, a mesa do centro, e uma espécie de console colocada à esquerda, onde pousavam dois jarros com flores artificiais.

De onde em onde zunia o falsete do amanuense:

— Quadra... Ou caçava: — Os anos de Cristo!... Os óculos do Padre Eterno!

Risadinhas explodiam a espaços, gostosas, indiscretas — uma pilhéria ricocheteava nos quatro ângulos da mesa.

— É boa! É boa! fazia João da Mata erguendo a cabeça, mostrando a dentuça.

Depois voltava o silêncio e a voz fina de mulher continuava a cantar os números solenemente.

— Víspera! saltou de repente um rapazola d'óculos, bigodinho fino, flor na botoeira do fraque de casimira clara.

Toda a gente o conhecia — era o Zuza, quintanista de direito, filho do coronel Souza Nunes.

— Podem conferir, disse erguendo-se, risonho — segunda linha.

E estendeu o braço, passando o cartão para o amanuense.

— Não desmarquem, não desmarquem, recomendou este espalmando a mão. Pode ter sido engano. *Errare humanum est*...

Houve um ligeiro sussurro de vozes e de caroços rolando sobre a mesa com um surdo ruído de contas desfiadas. Todos desfizeram as marcações.

Numa das extremidades sentava-se João da Mata, de paletó de fazenda parda sobre a camisa-de-meia, costas para a rua.

À direita mexia-se uma senhora gorducha, de seus trinta anos, metida num casaco frouxo de rendas, cabelo penteado em cocó, estampa insinuante, bons dentes; era a mulher do amanuense, que passava por sua legítima esposa, não obstante as insinuações malévolas da alcovitice vilã que entrevira escândalos na vida privada de D. Terezinha. Contudo, era tida em conta de excelente dona-de-casa, honesta, dizendo-se relacionada com as principais famílias de Fortaleza.

Ninguém ousava mesmo dirigir-lhe um gracejo de mau gosto, uma pilhéria calculada. Inventava-se — calúnias de

populacho — que se correspondia ocultamente com o presidente da província. Ela, porém, gabava, batendo no peito com orgulho, que tinha uma vida limpa, graças a Deus; que isso de patifarias não lhe entrava em casa, não, mas era o mesmo. Estava ali o Janjão que não a deixava mentir.

Ao pé de D. Terezinha aprumava-se Maria do Carmo, afilhada de João, uma rapariga muito nova, com um belo arzinho de noviça, moreno-clara, olhos cor de azeitona, carnes rijas, e cuja atenção volvia-se insistentemente para o Zuza.

As outras pessoas eram também da intimidade: o Loureiro, guarda-livros da firma Carvalho & Cia., o dr. Mendes, juiz municipal, mais a senhora, a Lídia Campelo, filha da viúva Campelo, e o estudante. Às vezes ia mais gente e o víspera prolongava-se até meia-noite.

João da Mata era um sujeito esgrouvinhado, esguio e alto, carão magro de tísico, com uma cor hepática denunciando vícios de sangue, pouco cabelo, óculos escuros através dos quais boliam dois olhos miúdos e vesgos. Usava pêra e bigode ralo caindo sobre os beiços tensos como fios de arame; a testa ampla confundia-se com a meia calva reluzente. Falava depressa, com um sotaque abemolado, gesticulando bruscamente, e, quando ria, punha em evidência a medonha dentuça postiça. Noutros tempos fora mestre-escola no sertão da província, donde mudara-se para a capital por conveniências particulares. Era então simplesmente o professor Gadelha, o terror dos estudantes de gramática. O sertão foi-lhe aborrecendo; estava cansado de ensinar a meninos, era preciso fazer pela vida noutro meio mais vasto onde as suas qualidades, boas ou más, fossem aquilatadas com justiça. Estava-se perdendo, se inutilizando, fossilizando-se, por assim dizer, entre um vigário sebo e pernóstico e um delegado de polícia ignorante: “— Não era uma águia, um Abílio Borges, um Macêdo... mas reconhecia que também não era um burro. Até podia fazer figura em Fortaleza.”

E abalou com tanta felicidade que não tardou ser nomeado comissário de socorros ao tempo da grande seca de

77, dois anos depois de sua chegada à capital. Desde logo tornou-se conhecido, suas façanhas corriam impressas nos pasquins domingueiros. D'uma feita escapou milagrosamente de ser preso por crime de defloração numa menor, criada do Dr. Moraes e Silva; d'outra feita apanhou de rebenque na cara por haver caluniado um capitão d'infantaria propalando uma infâmia. Toda a gente o conhecia muitíssimo bem, por sinal tinha uma cicatriz oblonga e funda na têmpora esquerda, e não largava o mau vício de roer o canto das unhas.

.....

A Avenida Caio Prado tinha o aspecto fantástico d'um terraço oriental onde passeavam princesas e odaliscas sob um céu de prata polida, com as suas filas de combustores azuis, encarnados e verdes, com as suas esfinges... Senhoras de braço dado, em *toilettes* garridas, iam e vinham no macadame, arrastando os pés, ao compasso da música, conversando alto, entrechocando-se, numa promiscuidade interessante de cores, que tinham reflexos vivos ao luar. D'um lado e d'outro da avenida estendiam-se duas alas de cadeiras ocupadas por gente de ambos os sexos, na maior parte curiosos que assistiam tranqüilamente ao vaivém contínuo dos passantes.

O plenilúnio muito alto dir-se-ia uma grande medalha de prata reluzente com o anverso para a terra, suspensa por um fio invisível lá em cima na cúpula do céu. Defronte da avenida, o mar, na sua aparente imobilidade, tinha reflexos opalinos que deslumbravam, crivado de cintilações minúsculas, largo-imenso, desdobrando-se por ali fora a perder de vista, e para o sul, muito ao longe, a luz branca do farol tinha lampejos intermitentes, de minuto a minuto. No porto a mastreação dos navios destacava nitidamente, inclinando-se num movimento incessante para um e outro lado, como oscilações de um pêndulo invertido.

.....

E continuava a chegar gente e a encher o Passeio por todas as avenidas do primeiro plano, cruzando-se em todos

os sentidos, acotovelando-se, confundindo-se. Na Mororó, mais larga que as outras, havia uma promiscuidade franca de raparigas de todas as classes: criadinhos morenas e rechonchudas, com os seus vestidos brancos de ver a Deus, de avental, conduzindo crianças; filhas de famílias pobres em trajes domingueiros, muito alegres na sua encantadora obscuridade; mulheres de vida livre sacudindo os quadris descarnados, com ademanos característicos, perseguidas por uma troça de sujeitos pulhas que se punham a lhes dizer gracinhas insulsas. Toda uma geração nascente, ávida de emoções, cansada d'uma vida sedentária e monótona, ia espairecer no Passeio Público aos domingos e quintas-feiras, gratuitamente, sem ter que pagar dez tostões por uma entrada, como no teatro e no circo.

(Adolfo Caminha. *A Normalista* (Texto, Introdução e Notas de Sabóia Ribeiro). São Paulo, Editora Atica, convênio com o INL, 1972, pp. 13-5; 74-5; 76.)

Este romance foi escrito com visíveis intenções de desforra: repellido por uma sociedade na qual ele não via autoridade para julgá-lo, Caminha retratou-a impiedosamente, expondo-lhe as podridões morais, sendo mesmo algumas personagens a caricatura de figurões com os quais se desaviera o escritor. Reproduzimos o início do capítulo I e dois trechos do VII: logo no início do livro, temos a descrição do local onde se desenrolará grande parte do enredo, bem como algumas de suas personagens, tintas de ridículo: a casinhola encardida, no Trilho (Rua do Trilho, hoje Tristão Gonçalves), as figuras da senhora gorducha, de Maria do Carmo, “moreno-clara, olhos de cor de azeitona, carnes rijas”, e sobretudo do amanuense, “sujeito esgrouvinhado, esguio e alto, carão magro de tísico,” apresentando ainda medonha dentuça, além da calva, tudo rescende a puro Naturalismo. Tudo lembra a influência de *Eça de Queirós* — como observa Lúcia Miguel Pereira. Note-se ainda que o tipo físico de João da Mata condiz perfeitamente com o seu tipo moral, numa sintonia lombrosiana: além de futuro sedutor da afilhada, traz ele do pas-

sado lembranças de outras tantas patifarias, como vimos. Saliente-se igualmente a insinuação malévola com relação a certa correspondência entre a amásia do amanuense e o Presidente da Província, bastante ridicularizado por Adolfo Caminha. Nos outros dois excertos, focaliza o romancista a Avenida Caio Prado (Passeio Público), onde havia diversas divisões, cada uma com sua população típica: aqui, damas da elite; ali, moças da classe baixa. Temos assim uma perfeita reportagem acerca de um dos divertimentos do povo fortense nas últimas décadas do século passado (a ação do romance se passa no fim da década de 80). É naturalista o romance, uma vez que não expõe somente o real, o biológico, mas desce ao patológico, fazendo pulular toda uma população de vermes: nada é grandioso. Já nem falamos de João da Mata, um crápula; o próprio Zuza, que numa obra romântica teria sido a salvação da heroína, abandona-a menos por imposição da família que por desinteresse. Ela, por sua vez, não tem forças para resistir ao padrinho, chegando mesmo a sentir certa atração pelo amanuense. Caminha, defendendo-se de acusações feitas ao romance, escreveu: "Não me consta se tenha escrito em parte alguma romance de *costumes cearenses* observado e verdadeiro como este, em cujas páginas vibra forte e caniculante o sol do Norte e onde a vida de um povo é descrita com alguma precisão." O certo é que Caminha, temperamento violento e algo agressivo, e ainda por cima recalando mágoas do ambiente em que viveu e sofreu, encontrou no Naturalismo a corrente ideal para a expansão de seu inegável talento de ficcionista. Sua obra-prima é o *Bom-Crioulo* (1895), que não focalizamos por não se tratar de um romance cearense, nem ter sido aqui escrito. *A Normalista*, entretanto, bastaria para garantir ao seu autor lugar dos mais destacados entre os romancistas da corrente, não só na literatura do Ceará, mas no panorama das letras nacionais.

PAPI JÚNIOR

Antônio PAPI JÚNIOR — Nasceu no Rio de Janeiro, em 28 de agosto de 1854, e faleceu em Fortaleza, no dia 30